

# Acima de tudo, Professor<sup>1</sup>

Heloisa Dias<sup>2</sup>, Fabiano Ionta<sup>3</sup> e Pàulo Alves de Lima Filho<sup>4</sup>

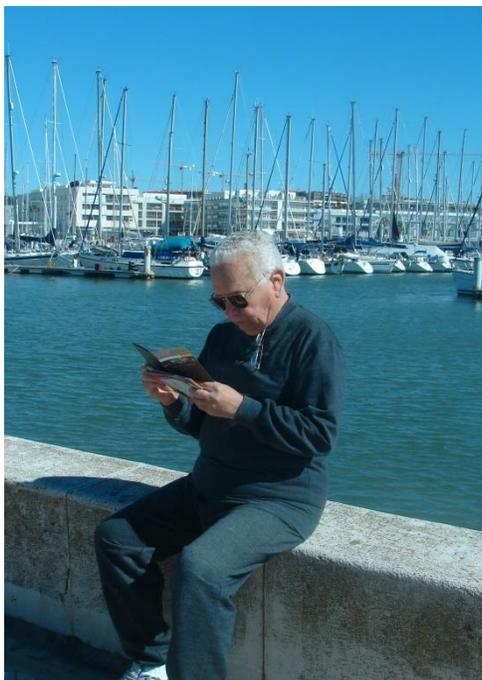
*Sapientia*: nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor possível.

Roland Barthes

257

## Professor, para além da Academia

Pode ser que já tenham usado muito essa epígrafe de Barthes, mas certamente, para mim, ela se ajusta à medida para o professor Sinclair Mallet-Guy Guerra. Este nome próprio, um tanto exótico, não consegue encobrir a transparência desse Mestre, a qual se relaciona com as noções de *poder*, *saber* e *sabor* tal como sugeridas pelo pensamento do crítico francês. Vejamos como.



<sup>1</sup> Texto escrito em homenagem ao Professor Sinclair Mallet Guy Guerra, por sua incansável luta pela educação no Brasil e fora dele. A elaboração do texto se deu em uma espécie de trocas de cartas entre ex alunos, amigos e sua companheira de vida. Passou inclusive pela breve leitura do próprio professor, que gostara da homenagem. Era para ser uma homenagem em vida, mas não publicamos a tempo. Sinclair nos deixou em 15 de março de 2022. Por isso compõe o memorial desta sétima edição da Revista Fim do Mundo (da qual o professor foi um dos fundadores e idealizadores, além de membro permanente do conselho editorial).

<sup>2</sup> Professora da UNESP. | [heloisa.dias@unesp.br](mailto:heloisa.dias@unesp.br)

<sup>3</sup> Professor do IFSP. | [fabiano.ionta@ifsp.edu.br](mailto:fabiano.ionta@ifsp.edu.br)

<sup>4</sup> Coordenador do IBEC e Editor da Revista Fim do Mundo. | [palf1951@gmail.com](mailto:palf1951@gmail.com)



Para quem procura um orientador na universidade, o caminho nem sempre é fácil, mas quando algum colega nosso, já no Mestrado, indica um professor e lhe diz “ele é gente fina!”, então alguma porta já começa a se abrir. Isso existiria na academia? Sim, o colega havia encontrado uma pessoa amável, simples, que não estabelece relação assimétrica de poder, não tem vaidades acadêmicas, não tem necessidade de humilhar o estudante, não é egocêntrico, egoísta, ao contrário, preza pelo autodidatismo e pela busca do conhecimento de forma autônoma. Milagre, pensamos, eis o caminho para seguirmos. E foi o que aconteceu.

Reconhecemos (e respeitamos) em alguém o saber quando este não se impõe de maneira ostensiva, nem vem recoberto por roupagens sofisticadas, quer de comportamento, quer de linguagem. Ao contrário de imposto, o saber passeia livre e arejado pelos espaços do ser-em-relação, insinuando-se de maneira perspicaz, inteligente, sensível. Aproveitando os estímulos do convívio com os outros, o sujeito vai tornando espesso seu conhecimento à medida que as trocas entre o visível e o invisível vão se tramando na rede dialógica. Ter voz é também dar voz a, reconhecer as diferentes vozes e saber a diferença entre nossa voz própria e a dos outros, e é nesse rastro ou espaço do diferir e devir que os sentidos vão se construindo e confluindo para interesses comuns. Não é fácil o exercício dessa prática, porém, ela é saborosa e seus frutos mais ainda. Tal sementeira, apesar de não ser a parenética do Padre Vieira, é também ardilosa em suas táticas e certa em seus resultados, já que movida por uma autoconsciência severa, posto que humana.

Já nas primeiras impressões no contacto com Sinclair, despontou o professor de estatura baixa, semblante calmo e culto, cabelos grisalhos, de fala baixa, convicta e serena. Claramente, pelo menos para mim, existia uma preocupação de moldar o relacionamento de forma simétrica, sem o propósito de impor sua posição acadêmica e seus desejos. O desenrolar da conversa sempre foi permeado pela igualdade de interesses, construídos de maneira plena e verdadeiramente democrática, no sentido mais puro dessa palavra. E assim ratificamos a relação orientador/estudante que perdura com muito sucesso até os dias de hoje, a qual sempre me norteou academicamente e em especial, confesso, como ser humano, mostrando-me as ações a serem tomadas dentro e fora da academia, uma relação que não se restringe apenas ao vínculo orientador-orientado mas evolui para a amizade, com respeito às diferenças de vivências de vida. Relação sólida, de



sucesso, conquistas e, acima de tudo, uma afinidade que me possibilitou conhecer a mim mesma e assumir posturas mais seguras e serenas.

Fui percebendo que era praticamente impossível conversar com o professor Sinclair sem que aparecesse algum estudante em sua sala. Como ele é querido! E os assuntos não se restringem à academia, ele fala e comenta sobre os mais diversos temas, não apenas para estudantes, pois professores também vão à sua sala para os infinitos desabafos da vida a que ele, sempre com muita paciência, dá ouvidos, atento e calmamente. Um verdadeiro dom! De fala sempre baixa e serena, sem imposição de voz, a impressão que temos, ao falarmos com o professor, é a de um novo impulso, um recomeço, pois quando tudo nos parece perdido, a conversa com o professor Sinclair nos dá novo fôlego, esperança, norte. Eis sua grande marca como professor - estar rodeado por estudantes - e, posso afirmar com convicção, essa é uma situação que ele ama, pois lhe dá ânimo de vida.

Solidariedade e partilha - é o que ele nos proporciona. Sim, nosso Mestre não se recusa a almoçar conosco, sente-se muito bem junto à moçada que se reúne a seu redor. À cabeceira da mesa, como organizador, como norteador, como quem sabe o que faz e suas decisões são legítimas pelas ações, democraticamente conquistadas ante seus pares. Diversas conversas e o mais importante: a felicidade estampada na face do professor. Muitas histórias, projetos, objetivos, vida e prazer, conversando, planejando pesquisas, artigos, definindo orientações, livros a serem publicados, histórias e mais histórias. Momentos ricos e proveitosos, e que energia contagiante aquela que nos passa, não há quem saia de uma conversa com o professor sem ficar motivado e engajado.

Prática comum e recorrente na orientação acadêmica, embora sem sentido nenhum, é o fato de muitos professores aceitarem pós-graduandos mediante quesitos acadêmicos - notas altas na graduação e em disciplinas específicas, o local onde estudou, seu histórico escolar, enfim, rótulos qualificados. Ou seja, o estudante não é visto como ser humano e sim como um número, uma nota, um rótulo. Atitude discriminatória, tão comum em muitos momentos de nossa história. Não! Isso não é admissível para Sinclair. Perceptível para qualquer estudante essa situação humilhante, mas pouco ou raramente pelos docentes acadêmicos, o professor Sinclair não aceita essa situação. Sua postura democrática favorecida pelas convicções pedagógicas e políticas constitui um bem para o estudante. Segregações devem ser combatidas, ainda mais na academia. Felizmente, pude perceber na universidade algumas pessoas que combatem segregações, às quais admiro



e o professor Sinclair está entre elas, com sua postura política firme e convicta. Assistimos a muitos embates dentro da academia que o professor travou quando ocorriam posturas adversas às suas, muitos “inimigos” surgiram, mas os aliados são superiores e o que disso resultou foram alunos com espírito crítico e aptos para continuarem sua batalha. E assim, muitos pós-graduandos e graduandos defendem teses e dissertações, apresentam seus trabalhos de conclusão de curso, obtendo sucesso pessoal e acadêmico. Muitos artigos são publicados, muitas pesquisas concluídas, muitos estudantes se sentem felizes.

Atrair o olhar e a escuta dos ouvintes é uma arte, feita com que instrumentos? Não é preciso uma parafernália tecnológica para comover os alunos, ainda que ela tenha sua utilidade; basta adequar o verbo às condições da comunicação, ajustando-o aos propósitos a serem atingidos. O “máximo de sabor possível” de que fala Roland Barthes corresponderia a esse ajuste que se traça entre a linguagem do Mestre e o teor de sua fala de modo a torná-los (a linguagem e o conteúdo) sedutores, não porque afirmem verdades ou princípios absolutos, mas sim porque deslizam pelas possibilidades ou virtualidades do sentido. Eis o verdadeiro *saber*: não instituir conceitos, muito menos repetir estereótipos ou códigos cristalizados, mas semear veios, sulcos, na textura do conhecimento. Enfim, “nenhum poder” é o que sentimos nas aulas do Mestre, que se afasta totalmente da postura autoritária e logocêntrica, para dar margem a um percurso que Barthes denomina “excursão”, designando com este termo um método de desprendimento feito de idas e vindas livres por uma área de jogo na qual o que importa menos é a coisa em si e mais o próprio caminho pelo espaço.

É nesse caminho que cabem digressões na fala, de modo que os desdobramentos a um só tempo a tornem densa e dirigida a um ponto de chegada. Para isso contribui o “pouco de sabedoria” do Mestre, ao associar o tema específico da aula a outras linguagens, como cinema, pintura, literatura, por exemplo, num saudável circuito intertextual que acaba por enriquecer os conteúdos veiculados. Impressionante como o Prof. Sinclair está antenado às últimas produções culturais e artísticas, citando filmes, peças, livros, eventos, como quem vai distribuindo as cartas do jogo com toda a naturalidade e pertinência. Embarcamos em sua excursão sabendo que ele não se perderá nos fios desdobrados de sua argumentação, ao contrário, está lá firme o ponto de chegada para reatar e concluir a fala. O que também nos impressiona é o Mestre estar sempre atualizado quanto às últimas



publicações estrangeiras, mencionando livros a que não teríamos acesso não fosse sua indicação.

Mais do que respostas, as perguntas. Ele sempre lança-nos questões, ou nos leva a propor questões a serem discutidas, à maneira socrática, de modo a pensarmos no percurso indagativo e reflexivo como mais importante do que afirmações cabais. Alguns alunos se desesperam, sentem-se inseguros talvez, são aqueles mais afoitos e ansiosos por encontrar soluções prontas, mas, com o tempo, acabam por perceber o valor da construção lenta de sentidos, da espera, da pergunta suspensa.

Nossos primeiros objetivos nos cursos com Prof. Sinclair se concentram em definir temas de pesquisa, na área de Energia, mais especificamente no que diz respeito ao planejamento de sistemas energéticos. Área interdisciplinar que permite discutir, desde o controle ultrassofisticado de uma tecnologia de exploração, produção e geração de energia, a impactos sociais e ambientais decorrentes do uso desta, associados às cadeias do consumo de fontes de energia. Uma dinâmica extremamente rica, em que o professor sempre enfatizou a necessidade de problematizarmos as questões, contextualizando-as na complexidade, conforme os autores marxistas definem. Em pleno século XXI, parece inviável convivermos sem o uso da energia elétrica, mas é preciso estarmos atentos às mazelas desse consumo e sabermos utilizá-la apropriadamente. Cabe à população saber e assumir esse consumo com todas suas implicações. A complexidade na tomada de decisão pelo uso ou não dos recursos energéticos sempre foi um tema para o qual o professor chamou nossa atenção.

Expressões e conceitos como *planejamento energético, biodiversidade, estruturas micro e macroeconômicas, demandas de energia, interesses político-econômicos, racionalização do consumo de eletricidade, sustentabilidade e eficiência, fontes renováveis, matriz energética, gás natural, biomassa, petróleo e seus derivados*, e tantos outros que circulam entre nós só se estabelecem ou ganham estatuto verdadeiro, após terem sido colocados em situações práticas e concretas para sua compreensão. Alguns desses termos, provocadores de muita polêmica, como “sustentabilidade e eficiência”, por exemplo, são devidamente circunstanciados e analisados com cuidado para evitarmos posições preconcebidas; já outros termos, permanecem com suas contradições e rumores, pois não há o intuito do professor em resolver a questão ou pôr um ponto final no assunto. Tal procedimento confirma a necessária *heterodoxia* no campo do saber, isto é,



o desvio consciente e crítico em relação à doxa tal como propôs Barthes, para quem as margens ou desvios são sempre salutares para a prática da crítica. Descartando posicionamentos ideológicos impostos e os condicionamentos alienantes assentados em valores cristalizados, nosso Mestre exercita a visão desautomatizadora, atenta ao devir e às demandas do real. Para evitar chavões ou expressões convencionais (para não dizer, provocativas), ele nos ensina a substituí-los por palavras menos comprometedoras, e assim o *capitalismo* é por ele denominado *sistema econômico vigente...*

Como foi grande a ruptura que nosso Mestre provocou nas aulas vivenciadas por nós até então na academia! Um instituto conservador e reprodutor de posturas segregadoras e desestimulantes, tradicionais do ponto de vista pedagógico tanto quanto do humano. De imediato, uma mudança, lançada como desafio logo no início do curso: "*não se esqueçam, a avaliação de vocês será a elaboração de um artigo sobre determinado tema a ser definido*". Que maravilha, não existiria prova, a avaliação final seria feita através da participação em aula e da produção de um artigo final a ser apresentado à turma e entregue por escrito ao professor. Com isso, ele nos incentivava à produção científica. Éramos colocados frente às nossas próprias angústias para produzirmos textos críticos. Essa estratégia, inicialmente polêmica para estudantes moldados pela "pedagogia da opressão", como bem definiu Paulo Freire, mostra-se eficaz na medida em que somos postos ao longo de todo o curso a escrever, corrigir, discutir e tornar a escrever, após inúmeros comentários e observações que vão fundamentando e aperfeiçoando nosso texto, até sua redação final. Assim, desenvolve-se também uma autoavaliação, pois o estudante passa a ser o principal sujeito de sua produção e pode avaliá-la, sendo o professor um mediador dos conhecimentos adquiridos. Nesse sentido, Sinclair Guerra é um incentivador da produção científica, treinando-nos na difícil tarefa da escrita de textos críticos. O resultado dessa estratégia é uma coletânea de artigos produzidos ao longo da disciplina e prontos, ou quase prontos, para publicação futura. Como não nos sentirmos importantes com essa forma de avaliação? Que estímulo! Que audácia! Que outro professor teria tamanha paciência para leitura e acompanhamento contínuos de nossos textos? Trata-se de uma educação que passa pelo enfrentamento do árduo, passo a passo, uma "educação pela pedra", no dizer poético do brasileiro João Cabral de Melo Neto em seu famoso poema: "por lições; / para aprender da pedra, frequentá-la;" (1979, p.12). Em nosso caso, a pedra, bem lapidada e diversas



vezes manejada, acaba se transformando em um fruto a ser fruído por muitos leitores.

E que elegância na atuação do Mestre em bancas examinadoras, apontando o que precisa ser criticado, mas jamais denegrindo ou rebaixando o trabalho do candidato.

Para o professor Sinclair não existem limites para o conhecimento, tão pouco rótulos para alcançá-lo. Não é preciso, por exemplo, que um estudante aprenda a ler em outra língua atrelado a um curso instrumental; o que é necessário, sim, é se abrir ao desafio de dar atenção ao texto escrito na língua estrangeira, conviver com aquela mensagem, “frequentar a pedra” (novamente João Cabral), perceber o teor e o contexto, sem se desesperar com os entraves do desconhecido. Simplesmente ler, oferecer-se à escuta do que parece soar estranho, ir se familiarizando com aquela linguagem. Desse modo, tive facilidade em ler as frases em língua estrangeira e fui sentindo segurança para me aventurar sozinha na descoberta da nova língua. Aprendemos, assim, que quem trilha o caminho do conhecimento é o próprio estudante, sujeito de sua aprendizagem, amadurecendo para aprender por si só. O professor passa a ser um facilitador do conhecimento, um mediador no sentido mais puro da palavra. O professor Sinclair mostra os atalhos e nos alerta que o caminho é longo, sem fim e penoso, mas com muitas recompensas. Duras palavras, porém, sinceras e verdadeiras.

Ser humano, acima de tudo. Por exemplo, Sinclair fica extremamente chateado em ter que cobrar de um estudante uma tarefa atrasada. Isso faz “mal” para ele, essa cobrança o aborrece, assim como burocracias que dificultem situações de aprendizado para os estudantes: verbas para congresso, bolsas de pesquisa, verbas para bancas, quando barradas por entraves burocráticos ou argumentos insustentáveis são inadmissíveis, levando-o a realizar verdadeiras batalhas internas na academia em defesa de seus estudantes. Essa postura conquista os alunos e alguns pares de profissão; por outro lado, surgem opositores, aqueles cegos que não entendem o objetivo maior do professor Sinclair, o mais nobre possível: os estudantes e a educação em primeiro lugar.

Outro traço que nos agrada em Sinclair é a informalidade, podemos conversar de tudo com ele, desde o resultado do jogo de Santos contra São Paulo ao novo livro do Piketty, dos amores passados na vida a novas conquistas acadêmicas, do contexto político-econômico nacional ao comportamento humano no mundo neoliberal. Seu conhecimento passeia livre e seguro sobre todas as áreas e o tempo transcorre sem que se



perceba. Ao observarmos o Mestre, temos a convicção de que a construção da personalidade, o jeito e as posturas assumidas por ele foram milimetricamente pensados ao longo do tempo. Esse jeito calmo, de fala baixa, vagarosa, onde a pressão do tempo não tem vez em uma conversa, são táticas utilizadas pelo professor para desacelerar o interlocutor. A pressão imposta às pessoas no cotidiano capitalista, com seus inúmeros danos para a condição humana, com tempos irrealistas, a intensificação de doenças físicas e mentais no desespero de se atenderem as metas capitalistas, a ânsia pelo “sucesso financeiro”, “sucesso profissional”, “sucesso familiar”, tudo isso cria um ritmo alucinante, não humano, levando as pessoas a não refletirem sobre sua realidade e legítimas necessidades. Em um mundo cada vez mais dominado pela pressa, pela impaciência, pela urgência de resultados práticos, pelos meios de produção rentáveis e pelos valores de aparência, não é fácil exercer uma postura que atenda demandas situadas em outra esfera – a do tempo interior, subjetivo. Com Sinclair, aprendemos a desacelerar nossa ansiedade e a navegar com mais calma e rigor seletivo pelos canais informatizados, aprendemos a escutar o outro, aprendemos a parar por mais tempo em textos e imagens para analisá-las, aprendemos a não confiar nos dados imediatos, aprendemos a aprofundar (“verticalizar”, segundo ele) nosso raciocínio em vez de estendê-lo na horizontalidade superficial. Certamente o ganho que essa aprendizagem nos tem propiciado é imenso, e será tanto maior se a colocarmos em prática em nosso exercício docente daqui por diante.

### **Florescer de um caminho**

Sinclair sente-se vocacionado para ser professor desde a juventude, talvez impulsionado pela morte do *pater familiae*, inicialmente como professor particular, ministrando aulas na garagem do pai, pois a decisão das matriarcas - mãe e avó -foi a de que era preciso “trabalhar”. O trabalho como *office boy* do Diretor de um pequeno banco somente o decepcionou, mas, paralelamente desenvolvia o chamado curso científico e, tendo largado o Banco, continuou a buscar alguma forma de criação de renda por meio de aulas particulares, afinal, o número de jovens meninas a procurá-lo aumentou. Uma porta lisa, sem enfeites, dois cavaletes e cinco banquetas bem primitivas eram o suficiente para exercer com orgulho o ofício de ensinar, isso aos dezesseis anos.



O partido comunista entra em sua vida aos catorze anos e permanece até fins dos anos 1980, aí já na França e Portugal, por condução de companheiros do Colégio e familiares, que já eram militantes. Mais tarde, seus companheiros de ideologia eram jovens profissionais recém formados, assim como ele e extremamente discretos em suas ações e atividades. Mesmo assim, viveu uma quase trágica peripécia em sua trajetória comunista, ao cumprir uma tarefa que o levou a ser "*hóspede do governo*" por dez meses. Atualmente seus contatos com velhos companheiros são esporádicos e, vez por outra, há a descoberta de jovens na linha do partido, porém, sua leitura sobre o partido permanece ativa, assim como sua presença a palestras. Até a campanha de 1988/89 sua militância foi intensa, pois estava em uma Universidade no interior paulista em que travou conhecimentos com dois professores militantes e outros companheiros fora da Universidade. Infelizmente, os rumos políticos não possibilitaram a eleição de candidatos de esquerda. O partido criado, e chamado pelos direitistas alienados de "Partidão" quando nos referíamos ao velho e tradicional partido, foi minguando, assim como seus dirigentes e adeptos, até chegar ao que é hoje, principalmente depois da nova e recente fusão com um tradicional partido que se dizia socialista. O fim da URSS afetou profundamente o Prof. Sinclair, por não a ter conhecido, restando-lhe somente o prazer de amizades com amigos que lá viveram e estudaram.

A Economia não era o destino sonhado para a carreira acadêmica, conforme o Mestre nos confessou, mas o que recorda claramente era o desejo de cursar Física, mesmo sem saber o que faria com essa formação concluída. Talvez estimulado pelo contacto, ainda jovem, com aquele grupo embrionário de meninas a estudarem Física e Matemática, em São Paulo, tenha continuado a ministrar aulas de Matemática para adolescentes no chamado Colegial, caminho aberto para se tornar professor. Economia? Não lhe passava pela cabeça, acontecendo por acaso, sem nenhuma motivação maior. É bem possível que o desinteresse se deva aos rumos dos estudos de Economia, que se afastaram do caráter social para serem demasiado tecnológicos com fins escusos, buscando aumentar indiretamente as desigualdades sociais e elevando, cada vez mais, aquela parcela do conhecido 1% da sociedade. Seu senso crítico acusa equívocos nos currículos das chamadas boas escolas de Economia, como por exemplo, o ensino dos ensaios de Adam Smith e seus epígonos o total e deliberado desconhecimento dos de Peshine Smith, esse opositor às teorias do



liberalismo. *Por que as escolas de Economia só se voltaram para os estudos de projetos financeiros?* ele se pergunta.

Desde sempre foi um leitor voraz, no início com leituras teóricas em menor número que a literatura em geral, basicamente em francês, segundo a orientação do silente e discreto pai de Sinclair, o Doutor com sua gravatinha borboleta. Entre ler e escrever, a opção do Mestre é por ler, declara, eis o que ama fazer. Ao longo dos anos foi diminuindo seu interesse por escrever, talvez por não encontrar facilidades para propagar o escrito, pois é inadmissível produzir textos e guardá-los nos modernos arquivos informáticos ou simplesmente veiculá-los entre alguns poucos amigos e estudantes interessados.

Suas influências teóricas e literárias são diversas, e o caminho natural seguiu inicialmente a indicação dos nomes propagados nos cursos universitários, com ligeiras correções de rota. Sua acurada percepção permitiu-lhe realizar um processo seletivo, uma vez que as disciplinas tinham pouco que ver com a realidade e eram ministradas por professores sem formação ampla, sem abertura para as múltiplas e necessárias relações entre os diferentes campos do saber. Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade? Ainda não eram utilizadas como estratégias pedagógicas!

O incentivo que parte de nosso Mestre adquire maiores dimensões, pois ele abre possibilidades com as quais sonhamos, mas jamais teríamos coragem de enfrentar sem apoio: ir para universidades no exterior para frequentar cursos de doutoramento e de pós-doutoramento. Extremamente bem informado, Prof. Sinclair conhece o funcionamento de numerosos cursos de pós-graduação em diversas universidades estrangeiras, como também mantém contatos com docentes e pesquisadores com o intuito de estabelecerem convênios entre essas instituições para que se viabilize o trânsito de discentes entre elas. Trata-se do espírito que rompe fronteiras em favor da interculturalidade, característica do mundo contemporâneo, a qual deve ser cultivada já que os resultados dessas trocas são valiosos. A vivência do Mestre no exterior por vários anos (sobretudo na França) certamente lhe forneceu conhecimento necessário para agora poder transmitir-nos essa experiência. No entanto, nunca percebemos o menor ar de superioridade ao nos falar sobre sua permanência fora do país ou sobre esse “banho de cultura” recebido por ele; uma paixão parece movê-lo, a mesma paixão que ele sente quando percebe alunos interessados e curiosos em conhecer o não-familiar. Para aqueles que valorizam o que Homi Bhabha denomina “*unhomeliness*” como “condição das iniciações extraterritoriais e



interculturais" (1998, p.29), o Mestre está sempre atento e aberto: por que não ultrapassar o conhecido para sentir o "estranhamento" da aventura e riscos que ajudam a consolidar nossa identidade? Deixar o lar confortável ou, segundo Bhabha, "os recessos do espaço doméstico" para sentir-se "estranho ao lar" não significa estar sem-casa, como explica o crítico indobritânico (1998, p.29) ao se reportar a Freud, para quem o desconhecido pode conter ricas possibilidades que permitem o afloramento de situações de intimidade (1998, p.31).

## Mundo afora

Suas viagens ao exterior começaram na juventude, facilitadas por ter familiares residindo fora. Iniciou por Portugal, França e Suíça. Mais tarde, durante a ditadura brasileira, viver fora do país era uma questão de sobrevivência, exílio um tanto forçado, é verdade, mas que acabou por deixar saldos também e não apenas prejuízos ou perdas. Afinal, permanecer em Portugal é sempre um prazer, e a riqueza de experiências não se compara à vivência intramuros, nos recessos do mundo doméstico. Por isso, aceitou com agrado o contrato para ir trabalhar na Guiné Equatorial, nos Camarões e, em seguida, em Grenoble, logo após Paris, acompanhando seu orientador. Trabalhou em um novo campus da Universidade, na periferia de Paris, visitando sítios e indo a Eventos a que fora convidado. Surgiu também um convite para ir aos Estados Unidos, porém, por decisão pessoal, acabou desistindo dessa que foi a melhor proposta de emprego recebida até hoje; fora movido pela coerência com suas ideias, por isso, preferiu dizer um sonoro "Não". Bastou a BAD/Banque Africaine de Development para sair de Portugal e poder sobreviver alguns anos, já que o contrato estipulava tempo de duração. Outra estada sua foi no Canadá, excelente local com condições para se trabalhar.

A África também o marcou muito, foi uma escola de viver. O chefe da equipe, um verdadeiro mestre de como se enfrentar com galhardia situações tão distantes para um técnico brasileiro que acabava de sair da Europa. A marca maior que lhe ficou foi a desigualdade social e a violência entre as camadas mais afetadas por tal desigualdade. A permanência romantizada de hábitos ainda tribais, insuflada pelos hegemônicos, um país em pleno século XX a apresentar resquícios do século XIX. Segundo a óptica do Mestre, se quisermos ser condescendentes, a qualquer momento o capital pode transformar a África em três. A primeira é a de fornecedora de matérias-



primas, petróleo e os mais importantes minerais. A segunda, aquela em que a classe média alta traz a cultura ocidental europeia para um reduzidíssimo grupo de elite local a serviço dos países ditos civilizados. A terceira, que nos faz lembrar Franz Fanon: o professor e seus colegas, uma equipe contratada para desenvolver um projeto totalmente keynesiano, obrigados a tomar cerveja em lugar de água não tratada com risco de problemas, em que luz e força eram disponíveis somente em edifícios oficiais, escola e no único hospital, no qual havia oito médicos e treze enfermeiras/os. Em um fim de tarde, logo após sua chegada ao pequeno país, conta-nos, ele sai da casa em que moravam para dar uma caminhada, sob um verão alto, e vê meninos sentados sob um poste cheio de cigarras, em outro, algumas meninas nas mesmas condições. E Sinclair, como um turista ou um neófito a observar os dois grupos. Estavam ali para preparar suas lições para o dia seguinte, porque naquele local havia luz que se encerraria às dez horas da noite. Entretanto, havia também um zumbido e um escurecimento, como se fora princípio de noite que se apresentava a poucos metros no hemisfério norte. Eram os morcegos a esvoaçarem e se posicionarem em um grande pé de paina próximo aos grupos de crianças e jovens.

Suas viagens a Cuba e as relações com o socialismo merecem destaque. O professor não aceita o pensamento da classe média brasileira que vai a Cuba justamente para poder dizer que lá só tem carro velho, há escassez de tudo, desde um simples ácido salicílico para debelar uma dor não definida, a prostituição existe mas é disfarçada como se aos cubanos fosse proibido o ato mais natural do ser humano, ainda com restrições. Relata-nos com indignação a pergunta feita por um professor brasileiro do ensino federal de terceiro grau, *"é verdade que o senhor esteve em Cuba?"*. Diante da resposta positiva de Sinclair, veio o comentário *"não gosto e não admito visitas a países que vivem em ditaduras"*. Mas ele teve de engolir a réplica, *"pois é, você só admitiu a ditadura que matou não sei quantos brasileiros"*. Em Cuba, Sinclair ficou impressionado com um país que não tem doenças endêmicas, já conseguiu desenvolver medicamentos hoje apropriados por outros países, tem uma população pobre, mas sem mendigos e outros desafortunados, possui uma medicina voltada para o social, exportadora de médicos e enfermeiras/os para os países mais desenvolvidos do mundo.

Suas relações com professores de várias nacionalidades ocorreram em duas situações, após o doutorado e depois já na carreira de professor. Durante o doutorado, como ele nos relatou, sem recursos e sem bolsa, a



solução foi trabalhar em pesquisas de professores renomados na área, afinal, ele queria aprender e se capacitar como pesquisador. Sem melindre algum, caso maior entre os hoje ditos "especialistas", Sinclair afirmou que se sentia perdido, sem saber como dar os passos necessários. Aí é que entram aqueles Mestres, em maiúscula, segundo ele. Em Grenoble, teve um entre os durões, excelente professor. Com ele, aprendeu que a resposta a uma indagação era uma *bêtise* total, o que levava alguns estudantes a se desmancharem mais rápido que um fósforo incandescente. Quanto a ele, ficava indagando o porquê daquela frase e, conseguindo resolver a questão, era uma glória. Era o momento propício para conversar, fazer colocações com o mestre que, ao fim de duas temporadas, tornou-se seu amigo. Outros se fizeram inesquecíveis para Sinclair, graças às aulas, à forma de explicar e indagar os estudantes. Havia um professor de excelente qualidade expositiva, profundo apreciador e conhecedor de pintura *naïve*, que esteve no Brasil para dar palestras e quis ir ao Embu das Artes, cidade dedicada a essa atividade que ele queria conhecer. Comprou vários quadros para levar a Grenoble, mas, como conseguiria transportá-los? Era a preocupação de Sinclair. Anos depois, estando em Grenoble, o professor foi procurá-lo. Sua esposa, tal qual uma Salomé, vagando com a bandeja que portava a cabeça de João Batista, disse-lhe que não havia condições de atendê-lo porque ele estava na montanha. Lá foi ele, e menos de meia hora depois o carro alugado chegou a um alto da montanha em que estava o professor francês. Pequena casa típica dos Alpes, uma mini beleza de arquitetura bem primitiva, com um esquema de utilização bem programado.

Em Portugal, bem antes do doutoramento, houve contatos cotidianos com professores, um deles havia vivido no Brasil, para cá enviado como um contra mensageiro do ditador português. Tal professor passara por Moçambique antes de vir a São Paulo e lá se envolvera com o grupo mais à esquerda, por isso, começou a ter seus passos vigiados e a sofrer delicadas pressões. Resultado: a ditadura brasileira havia acabado de se entronizar em sua carreira de vinte e um anos, mas perseguia discretamente alguns dos aqui exilados. Anos depois, esse professor consegue recuperar seu nome oficial, um cargo em uma universidade portuguesa na qual não ficou pouco tempo, por causa da idade e pelo desgosto com o andar da Revolução dos Cravos. Da fase anterior, Sinclair mantém contato com um economista que hoje cultiva, juntamente com sua atual esposa, orquídeas para comercializá-las. O outro é físico, conhecedor dos meandros da ciência no e do Brasil,



tendo aqui trabalhado em uma renomada universidade privada do Rio de Janeiro.

E em relação a Portugal, país em que esteve exilado durante o tempo sombrio da ditadura brasileira? pergunto. "*Muitas dimensões tem Portugal em minha vida, hoje*", afirma Sinclair. Dois acontecimentos ele evoca com entusiasmo. Já nos anos setenta, ele acorda numa pequena hospedaria e ao ligar o rádio do quarto nota que uma emissora não parava de emitir músicas de Vinicius de Moraes. O poeta e compositor brasileiro havia falecido e foi uma espécie de homenagem que estavam a lhe prestar. O outro acontecimento foi em uma manhã também. Os sons e os ruídos eram distintos e sugeriam um dia como se fora a *Ode of Life* de Schiller, lida e interpretada dois séculos e pouco depois, mas de maneira totalmente diferente. Havia a moderna gritaria, os vivas para cá e para lá, não resistiu e foi ao encontro da alegre *foule*. Era o 25 de abril de 1974. Após a Revolução dos Cravos, parte da família de Sinclair não aderiu, mas aceitou a pretensa libertadora nova vida. Nesse instante duas facções familiares começam a se digladiar, visando retomar bens que lhes foram tomados durante o período salazarista e isso significava terem de esclarecer suas origens religiosas que, durante aquele obscurantismo, ficaram e foram sendo gradativamente *caché*. São muitos os fatos ocorridos até o momento em que um dos grupos vai à Justiça. Um membro milionário, tio de Sinclair que vivia no Rio de Janeiro, sob o apodo de Comendador, passa a ser considerado o chefe do clã que negava tal afirmação. O outro grupo, visando cooptar o ramo brasileiro vem ao Rio, mas nada consegue e em Portugal o outro grupo acaba, por lei, beneficiando-se de tal maneira que não prejudicou a outra e tudo morreu. Nosso Mestre destaca o papel da mulher, pois, mesmo considerando-se as portuguesas tradicionais, havia aquelas que buscavam a paz entre os dois grupos. A possível origem hebreia em nada alterou sua vida, dado que desde a infância e juventude passou a optar por uma visão ateia do mundo; acabou aprendendo um comportamento: o de que sefarditas são mais sujeitos a processos de hibridização que os de origem asquenaze. Resta-lhe somente uma grande admiração pelo povo hebreu, nunca por ações da política de Israel.

Hoje, ele diz com firmeza ter trocado a amada França por Portugal. A França está longe de seus sonhos de jovem, país oscilando para a direita, cada vez mais retrógada, distanciando-se daquele dístico que vinha desde sua revolução liberal. Além disso, graças a novas leituras, ele passou a compreender melhor a França, ou a "França profunda", parodiando a



expressão usada pelo célebre historiador brasileiro Sérgio Buarque de Hollanda. Portugal passou a ocupar lentamente o lugar da França, por se mostrar mais palatável e acessível a quem sonha um dia poder ir lá morar.

## Artes do Ofício

O pretense fim da ditadura brasileira não repôs, para o Professor, o tempo anterior a ela, porque Sinclair agora é outro. Aliás, no curso da história não é possível repetições ou retomadas do mesmo, pois a aprendizagem nos remodela e nos reinstala em condições em que o conhecido e o desconhecido permutam apelos, o contínuo e o descontínuo, passado, presente e futuro são vetores que atuam como em uma esfera, de forma dinâmica e interrelacional. Lembremos a bela figura do quadro *Angelus Novus*, de Paul Klee, evocada por Walter Benjamin quando postula suas teses sobre história: o anjo com as asas abertas, o olhar perplexo dirigido para o passado, de costas para o futuro para o qual é impelido, expressando a contradição insuperável de uma passagem que não contém soluções nem sínteses, apenas o sopro do transitório, prenhe de virtualidades insuspeitadas e ruínas a serem esquecidas (1994, p.226).

Quando se vive uma situação-limite, como consequência de uma militância política, não há como evitar os danos posteriores a ela, e a batalha por emprego foi um deles. A primeira restrição era a falta de experiência, outra era um *Curriculum Vitae* não compatível com os interesses do contratante. A "construção" e o engrandecimento do tal CV não foram tão difíceis, pois uma rede de conhecimentos se encarregou de prepará-lo científica e objetivamente, sem criar ilegalidades futuras. Quanto ao retorno à atividade política, seus primeiros passos foram discretos, tendo como espelho sombrio e embaçado as imagens de muitos amigos assassinados e outros tantos presos. É natural que o desencanto vá crescendo até o abandono total da militância anterior, todavia, sem o abandono da visão teórico-política e a busca de novas visões a respeito de interpretações consentâneas com as condições do mundo de hoje. É o que chamaríamos de coerência no projeto ético-ideológico.

Houve, sim, Mestres na vida acadêmica do Prof. Sinclair, especialmente dois, que lhe foram extremamente úteis: um deles para questões tecnológicas e outro para a interpretação de aspectos sociais e econômicos. A linha teórica de ambos, totalmente diferente da que ele preconizava, servia-lhe como uma espécie de filtro para ser aproveitada no



que toca ao tema da energia. Um desses mestres, neoliberal durante anos, teve a coragem de se afastar de seus antigos companheiros com bastante repercussão, sem, contudo, repudiar sua linha de análise macroeconômica. Já o de linha tecnológica, encontrou em Sinclair interesse por esses aspectos. Ao ser indagado sobre que linha de Economia gostaria de se fixar, acabou sugerindo estudar Economia aplicada à energia. Os desejos e aspirações relativos ao tema da energia foram variando ao longo do tempo, mostrando-se hoje distantes dos do período de ensino, orientação e publicações. Enquanto docente, há a necessidade de engajamento em disciplinas nem sempre do agrado do docente, mas que, afinal, acabam propiciando algum benefício. Além disso, há circunstâncias que vêm ao nosso encontro sem que tenhamos planejado, como nos lembra o Prof. Sinclair. Quando começa a ministrar aulas sobre Economia da Energia, é que se dá fortemente a influência de um outro grande professor colega, um trotisquista, que o apoiou para pleitear a função de docente em uma universidade do interior paulista, para a disciplina Economia da Energia. Embora vivendo momentos difíceis no meio acadêmico, driblando posições muito contrárias e antiéticas, foi importante travar conhecimento com os considerados grandes dessa linha de estudos e pesquisas. Com simpatia de trato, gentileza e delicadeza, esse ponto foi facilitado, mesmo que as linhas ideológicas fossem totalmente opostas. Assim, teve oportunidade de elaborar vários artigos, dos quais a publicação não foi a equivalente, infelizmente em função de pareceres muitas vezes injustos ou, no mínimo, discutíveis. Também alguns projetos de pesquisa encaminhados para financiamento não tiveram acolhida, sob a alegação de "*seus conteúdos serem contrários às boas normas teóricas de geopolítica da energia*", o que significava, por meio do eufemismo, que a pesquisa não era recomendável por adotar linha política diversa da do parecerista. Como se vê, no meio intelectual há falta de lisura e desrespeito à divergência ideológica. Entretanto, nosso Mestre diz não guardar mágoas profundas, sendo capaz de deglutir o indesejado e transformá-lo em outra matéria. A única mágoa que não o deixa é ter que encerrar seu tempo de trabalho, pois sente que ainda teria muito a fazer, muitas ideias para discutir com os estudantes, aprender com eles e transformar tais discussões em *papers* para a divulgação desse saber. Suas mágoas atualmente se devem às restrições físicas, o andar está difícil, o falar durante muito tempo é estafante, o fôlego diminui, mas não diminui o desejo de deixar contribuições àqueles, alunos e colegas, que sempre lhe foram caros.



As questões de energia, segundo ele, apresentam nos últimos cinquenta anos duas fases bem distintas, enquadradas nos escritos daquele teórico que viu seu mundo e desdobramentos como resultante de transformações qualitativas e quantitativas. Pensando em energia, o mundo atual está longe da paz, incapaz de atender aos legítimos interesses sociais, encontrar soluções para o agravamento das desigualdades. Sinclair cita livros recentes como *A century of war*, de Engdahl, que deixam bem claro tanto as necessidades quanto os caminhos para se superarem os processos de reprodução e acumulação dominantes nos processos produtivos. O trabalho durante alguns anos com conjecturas possíveis sobre o futuro da produção e consumo de fontes de energia revelou-lhe a presença forte de interesses dominantes, ora de uma fonte, ora de outra, por isso, tais conjecturas sempre se mostraram falsas, absurdas. Para o Professor, o maior pensador do futuro, o único que nos mostrou como poderia vir a ser nosso mundo do futuro, hodiernamente é achincalhado, qual um Judas da história da religião, mal comparando, no entanto, foi o único a proferir comentários ressaltando que a cada momento histórico há a prevalência de uma fonte de energia.

Desde o "governo transformador" do grande sociólogo e seus sequazes que nada entendiam de sociedade, a questão energética tomou rumos catastróficos, pois o neoliberalismo tomou conta de tudo e só se age no sentido de propiciar qualquer fonte nos contrafortes do *mercado*. Tempos atrás, os estudos, palestras e ensaios acadêmicos eram os mais variados e sua intensidade levava a verdadeiros confrontos em que se discutiam questões importantes, embora com pouca atuação prática. Modernamente, nem mesmo tais confrontos existem, as questões são tratadas de forma superficial e sempre predomina o anseio por soluções tecnológicas. Segundo Sinclair, enquanto não se conseguir transformar a energia em um problema da sociedade, transformando-a de reprodutora e acumuladora de capitais em um bem de alcance social, nada será obtido. Para ele, se entendermos a "1ª fase democrática" como a implantada desde 2003 e que em 2015 volta a cortejar fortemente soluções neoliberais para solucionar suas crises, nada se revelou uma surpresa no Brasil. A fase que tem início em 2003 buscou soluções proto-keynesiana, ou seja, criou programas com forte impacto em duas camadas sociais. Uma delas se sentiu invadida em suas áreas de atuação e são célebres e popularizadas as manifestações sobre "*como é possível minha empregada comer a mesma comida que a família?*"; outra, é o atendimento médico "*Eu escolho o melhor médico, mas meu chauffer está mal de saúde e deve ir ao SUS lá do bairro em que mora*". O melhor médico



não pode ser cubano, porque este é para a ralé, segundo o conceito da patroa, completamente alienada em relação às origens do SUS e de seu desenrolar.

Quanto às relações entre energia e meio ambiente, seria necessária a construção de cenários de produções e gerações futuras de energia e isso é extremamente difícil na atual fase de política econômica imposta pelo regime. Além disso, por vivermos nesse mundo neoliberal, as propostas iriam seguir ditames que não nos interessam, já que gostaríamos de ver a sociedade vivendo em um mundo totalmente diferente. A questão de energia está nas mãos dos chamados grandes empreendedores e a que resta ainda em mãos do Estado está muito frágil. A questão ambiental, parte integrante da de energia, é debatida à larga, mas por ferir interesses maiores, parece nunca avançar. São feitas reuniões, são criados inúmeros programas que nunca saem das atas lavradas, salvo resoluções pontuais, localizadas e emergenciais.

### Sementes do amanhã

Imagino como tem sido rico seu relacionamento com os pós-graduandos. Conforme ele mesmo nos confessa, há casos de profunda amizade, tanto de homens quanto de mulheres e essas, curiosamente, acabaram ficando conhecidas com "*as meninas do Prof. Sinclair*" e lhe deram orgulho pelos trabalhos desenvolvidos. Entre essas meninas nas quais me incluo, algumas estão em instituições internacionais e outra se tornou diplomata de carreira em seu país.

O que nos encanta no Mestre é o interesse por nossas vidas, estimulando-nos a perseguir os objetivos. Duro sem ser grosseiro e brando quando a situação o exige. Sempre pronto a nos receber em sua casa, nos fins de semana, não estabelecendo hierarquias sociais, como outros mestres costumam fazer. Por outro lado, eles nos lembra seus contatos com professores que também recebiam os alunos, como ele, em suas casas. Iam à casa no Brooklin, recorda, para ouvirem e discutirem sobre música, ouvirem falar ("não tínhamos conhecimentos para mais!") sobre astronomia e, subliminarmente, serem teorizados. Hoje, retirado e sem condições físicas, ainda é lembrado para *soirées* em um bar, nesse caso com música do momento, mas no qual ainda (se o som o permitir) discutirem sobre o problema imposto à Síria, sobre a recente atitude da presidente frente aos "três reis" do Brasil e sobre os últimos livros lançados.



Sinclair é um lutador, um guerreiro, dos mais qualificados! Atualmente ele luta mais uma vez contra a doença, mas sua coragem não o deixa se abater, apesar do sofrido tratamento, três vezes por semana; a única coisa que o entristece é a quebra de sua rotina acadêmica nesses dias. Ele continua o mesmo de outrora: orienta seus estudantes com aquela firme postura, engajando-os e os motivando. Esta é mais uma lição que o professor nos ensina: não se transformar em vítima, manter postura altruísta e incluir em sua rotina as mazelas da condição humana com naturalidade.

Na visão de nosso Mestre, o que foi ou é o Brasil? Sinceramente o verbo no passado só lhe é presente durante a ditadura. Nesses vinte e um anos, sempre achou que o melhor era esquecermos o Brasil que Juscelino Kubischek e João Goulart tentaram encaminhar com seus confusos programas de vida social. Confusos, por pretenderem melhorar a vida do brasileiro e não mudar sua forma de reprodução e acumulação social. Enquanto o "programa" da ditadura foi claramente o de levar o país para "o concerto da nações", era uma tentativa de transformar o país em um filhote tardio de Adam Smith, esquecendo-se de seus críticos. Isso, a despeito de muitas mortes e tantos exílios, foi obtido. Hoje, acredita que para aqueles não mais dedicados forte e totalmente à militância transformadora, resta uma solução que pode parecer alienante: um novo exílio, agora sem as pressões que houve no passado. O problema é que se procura um país como se fosse "paraíso" ou um éden, mas as nações estão à beira do precipício, sem condições de oferecer um padrão de vida como aquele procurado. Já para o Professor, na situação de saúde em que se encontra, é impossível buscar novos rumos, a não ser ver a sociedade em um caminho transformador, daí sua contribuição como grande difusor dos princípios por ele abraçados aos catorze anos de idade, até hoje presentes.

Não pretende formular sínteses de sua vida, muito menos propor advertências para as próximas gerações, pois é difícil elaborá-las. O mundo sempre será outro. Porém, pretende, sim, deixar um pedido e gostaria que fosse atendido, quando ele não mais estiver entre nós: doar todos os seus órgãos e partes do corpo aproveitáveis, antes de sua cremação. Eis uma última e nobre lição que nos deixará.

Gostaria de terminar, parafraseando o pensamento de Ítalo Calvino a respeito do livro clássico: "Um livro clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer." (1993, p.11). Pois bem, um professor na acepção mais verdadeira, é aquele que nunca terminará de dizer o que tinha para dizer, pois seus alunos serão seu complemento permanente,



prolongando esse dizer que foi iniciado por ele e que merece ser realimentado permanentemente por meio das (re)leituras apaixonantes de suas aulas.

## Referências

AUZANNEAU, Mattieu. **Or Noir**, Paris : La Découverte, 2015.

BARTHES, Roland . **Aula**. São Paulo: Cultrix, s.d.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. 7 ed., São Paulo: Brasiliense, 1994.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CALVINO, Ítalo. *Por quer ler os clássicos?* São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ENGDAHAL, William. **The century of war**. 2 ed. ed, London : Pluto Press 2007.

FANON, Fritz. **Condenados da Terra**. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1968.

MELO NETO, João Cabral de. **Antologia poética**. 5 ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.

São Paulo, março de 2022

